

Meia tonelada de terra desliza do teto de um túnel do metrô em Taguatinga e soterra operário até a altura do tórax

A VIDA POR UM TRIZ

153

Fernanda Lambach e
Rogério Dy La Fuente
Da equipe do Correio

Fotos: Raimundo Paccó

Poderia ter sido o fim. Mas não foi: a sorte decidiu que não havia chegado a hora e vez do goiano João Batista da Silva, 27 anos, morrer. Às 11h15 de ontem, ele apertava um parafuso nas obras da estação 20 do metrô, que fica na Praça do Relógio, em Taguatinga, quando foi soterrado até a altura do tórax. Aproximadamente meia tonelada de terra úmida deslizou do teto do túnel e envolveu rapidamente o operário, que só foi liberado pelo Corpo de Bombeiros 40 minutos depois do acidente. Levado para o Hospital Regional de Taguatinga (HRT), João Batista teve alta duas horas depois do acidente. “Tive muito medo, mas não deu tempo de correr. Foi tudo muito rápido”, lembra o operário. “Quando vi, já estava com terra quase na altura do peito. Só rezei para não ficar muito machucado”. Recuperado do susto, João Batista volta hoje ao trabalho.

No momento em que a terra cedeu, ontem, João e oito colegas faziam o escoramento, com placas de metal, da área onde será a passarela subterrânea de ligação da quadra comercial C-8 à estação. “Em mais de quinze anos cavando túneis, é a primeira vez que vejo uma coisa dessas. Estávamos fazendo o trabalho preventivo, de escoramento, justamente para evitar desmoronamentos”, explica Márcio de Souza, engenheiro responsável pela obra. Os operários já haviam instalado placas e aplicado injeções de solocimento em aproximadamente quatro dos 22 metros que terá o túnel da passagem subterrânea.

NERVOSISMO

No primeiro momento, logo após o desabamento, o engenheiro responsável pela obra ficou nervoso. “Ele não vai falar para a imprensa. Está tremendo todo”, relatou o operário Richard Vieira, que não queria revelar o nome do engenheiro,



Em canteiro de obras na Praça do Relógio, operário mostra local onde o terreno cedeu e pegou de surpresa o colega de trabalho que, embaixo, instalava placas de metal para escorar paredes do túnel

coordenador do trabalho da empresa Armco do Brasil, que faz a escavação da passarela.

Uma das primeiras providências dos engenheiros do Consórcio Brasmetrô — responsável pela obra — foi isolar completamente a área onde ocorreu o acidente. O acesso de jornalistas foi impedido e não foram permitidas imagens do operário ainda preso pelo barro. João Batista ficou aproximadamente meia-hora soterrado até que soldados do Corpo de Bombeiros conseguiram retirar a terra em volta do corpo dele e removê-lo com cuidado. Havia temor de provocar novo desabamento.

A primeira suspeita dos bombeiros era a de que o rapaz havia fraturado a perna. Examinado pelo ortopedista Antônio Carlos Misuno, no HRT, porém, João logo foi liberado. Não tinha nenhum ferimento, não tomou nenhum analgésico e já queria voltar para o trabalho. Apresentava apenas um olho roxo, cheio de

pontos, que nada tinha a ver com o soterramento.

SEM EXPERIÊNCIA

Contratado pela Armco do Brasil em Goiânia, João Batista trabalha há apenas dez dias nas obras do metrô. Não tem muita experiência com escavações. Antes do contrato, trabalhava na roça, como agricultor.

Casado, pai de uma menina de três anos, ele não gosta de falar, mas diz que quando viu a terra caindo teve medo de morrer. “Pensei que ia ficar totalmente enterrado”, conta. À imprensa, entretanto, o engenheiro Márcio de Souza informou que o operário é da equipe dele há cinco anos.

No momento do acidente, ninguém entendeu direito o que aconteceu. “Só sei que veio terra de cima”, conta Richard Vieira, que estava andando em direção ao local onde João ficou soterrado. Por orientação do Consórcio Brasmetrô, depois da retirada do companheiro para o

hospital, nenhum dos operários falou com jornalistas.

EXPLICAÇÕES

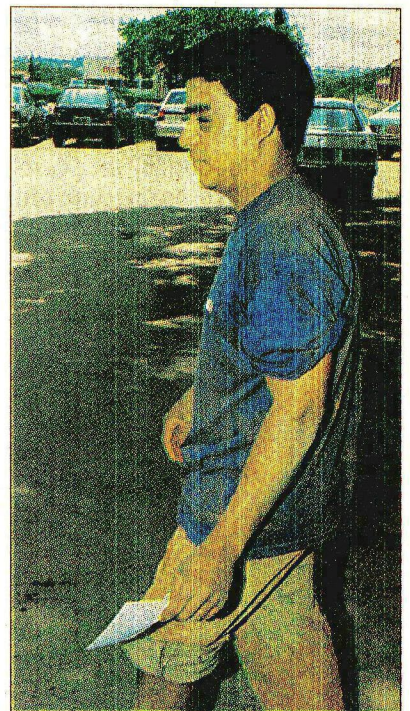
“As escavações estavam sendo feitas em terra firme, mas de repente alcançaram material que estava solto e que despencou”, explica o gerente geral de obras civis do metrô, Luiz Gonzaga Lopes. Segundo ele, “acidentes de percurso” como o de ontem sempre podem acontecer. “Como a grade de proteção estava bem instalada, seguiu o material pesado que despencava e evitou que acontecesse uma verdadeira tragédia.”

A passarela de ligação entre a estação 20, na Praça do Relógio, e a calçada da quadra C-8 terá 43 metros de extensão. Ela está sendo escavada 2,5 metros abaixo do asfalto da Avenida Central. “Faltam aproximadamente 21 metros para concluir a escavação da passarela. Amanhã (hoje) nós retomamos completamente o trabalho e devemos ter

minar o túnel em um mês”, calcula Márcio de Souza. De acordo com ele, a escavação avança em cortes de 50 centímetros, escavados manualmente. A cada corte é instalado um anel, composto por chapas de metal que são parafusadas umas às outras. Depois que os anéis completam um metro de largura, é aplicada uma injeção de solocimento, que dá sustentação à estrutura.

“Até hoje nenhum acidente de trabalho havia acontecido durante as escavações do metrô. Esse foi o primeiro”, diz o gerente de obras civis da obra. Ele declara também que há uma equipe de segurança, pronta para atuar a qualquer instante, em todos os pontos de construção.

Apesar da obra ser de responsabilidade do Consórcio Brasmetrô, a Coordenadoria Especial do Metrô divulgou uma nota de esclarecimento afirmando, estranhamente, que o acidente ocorrido era “previsível e de menor dimensão”.



João Batista, depois do susto: “Pensei que ia ser enterrado”